

Inflação mundial de alimentos: motivos, oportunidades e ameaças

Glauco Rodrigues Carvalho

Muito tem se discutido a respeito da valorização dos preços dos alimentos nos fóruns nacionais e internacionais, englobando instituições de elevada reputação como ONU, FAO, Banco Mundial, FMI, OMC entre outras. Realmente, altos preços de alimentos constituem problema para o mundo, sobretudo para os países mais pobres onde a alimentação tem peso elevado no orçamento das famílias (Fig. 1). Mas ninguém previu isso? O que está provocando essa escalada de preços e quais suas consequências?

Os preços agrícolas estão subindo por muitos motivos: 1) desvalorização do dólar; 2) especulação dos fundos de derivativos – ou *hedge funds*; 3) elevado crescimento da economia mundial; 4) escalada dos preços do petróleo; 5) expansão dos biocombustíveis em áreas com elevada restrição de recursos naturais; entre outros motivos.

Entre janeiro de 2006 e janeiro de 2008 o dólar se desvalorizou 10% em relação à libra esterlina, 7% em relação ao iene, 10% em relação ao yuan e 9% em relação ao peso chileno. Em relação ao euro, houve desvalorização de 18% e em relação ao real, de 22%. Essa forte valorização do real diante do dólar e a uma cesta de moedas é uma ameaça à competitividade das exportações brasileiras de lácteos e pode trazer prejuízos para a cadeia produtiva.

Observando um período maior, percebe-se a estreita relação dos preços dos alimentos com o comportamento do dólar. A Fig. 2 ilustra essa associação, podendo verificar três períodos distintos: de 2003 até início de 2004, com valorização dos alimentos e enfraquecimento do dólar diante do euro; de início de 2004 até início de 2006, com o dólar se fortalecendo um pouco e os preços dos alimentos apresentando ligeira desaceleração; e por fim, o período após 2006 em que os alimentos voltaram a subir e o dólar sofreu forte desvalorização diante do euro.

A desvalorização do dólar induz a uma mudança de portfólio dos fundos de investimentos em direção a outros ativos, sobretudo as *commodities* agrícolas, metálicas e energéticas. No caso do milho, por exemplo, a posição líquida comprada por especuladores na Bolsa de Chicago passou de 42 mil contratos no início de 2006 para 338 mil contratos no início de 2008. Neste mesmo período, os preços internacionais de milho saltaram de US\$ 86 para US\$ 188 por tonelada, ultrapassando o patamar de US\$ 230 em maio desse ano. O mesmo movimento foi verificado em outras *commodities* (soja, leite, trigo, café), mostrando a globalização dos mercados financeiros e a posição dos *hedge funds* em busca de ativos com maior potencial de valorização.

Na base de todo o processo de aceleração de preços está o avanço da economia mundial, que não cresce no patamar médio do atual milênio desde a década de sessenta, conforme pode ser observado na Tabela 1. Além disso, a projeção de crescimento para os próximos anos permanece em patamar médio superior aos verificados nas últimas décadas. Cabe ainda salientar que regiões populosas e mais carentes de renda estão apresentando importante crescimento econômico. É o caso, por exemplo, da África que cresce acima de 5% ao ano desde 2001. Na América Latina, verifica-se crescimento acima de 5% desde 2004. Já os países asiáticos em desenvolvimento estão crescendo acima de 5% desde 1999 e superando os 9% após 2005.

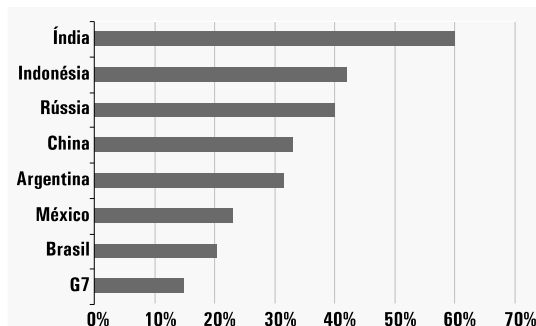


Fig. 1. Gastos com alimentos na composição do índice de inflação (%).

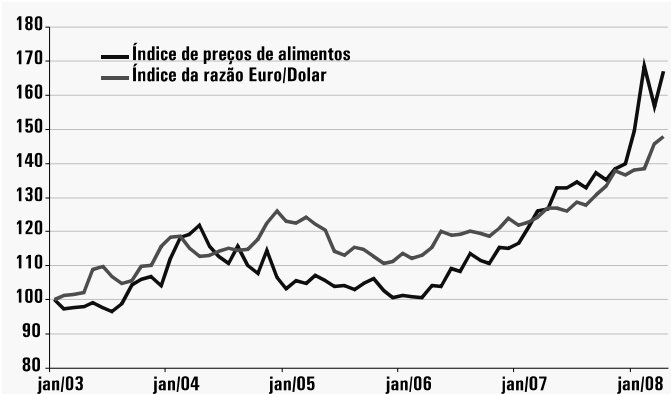


Fig. 2. Índice de preços de alimentos e Índice de paridade euro/dólar (Base: jan/2003 = 100).

Tabela 1. Crescimento médio da economia mundial (%).

Período	PIB Mundial
1961-1969	4,90%
1970-1979	3,60%
1980-1981	2,90%
1990-1999	2,60%
2000-2007	4,00%
2008-2013 (P)	3,90%

Fonte: FMI.

O preço da energia também está exercendo elevada influência sobre o comportamento dos preços dos alimentos. Ou seja, o preço dos alimentos vem seguindo a valorização do petróleo (Fig. 3). Desde que os preços do petróleo dispararam em 2003 e 2004, saindo de pouco mais de US\$ 20/barril para US\$ 70/barril em 2007, as cotações agrícolas se alinharam a ele e permanecem assim. O petróleo fechou maio de 2008 cotado a US\$ 126/barril. Por um lado, esse alinhamento de preços foi provocado pelas políticas de biocombustíveis, já que importantes lavouras utilizadas para a produção de agroenergia são também fontes de produção de alimentos. Mas, além das

commodities usadas para biocombustíveis, as outras também sentiram o efeito do petróleo via valorização dos preços dos fertilizantes, do frete marítimo, do frete rodoviário, das embalagens plásticas, para ficar em alguns exemplos. O frete marítimo passou de uma média de US\$ 20/tonelada no início de 2003 para mais de US\$ 70/tonelada no final de 2007. O frete rodoviário no Brasil, no último ano, apresentou valorização superior a 50% em alguns trechos. Os fertilizantes abriram este ano com valorização de 38% em relação ao início de 2007.

A participação dos biocombustíveis na matriz energética mundial ainda é desprezível, mas os investimentos nessa área estão acontecendo de forma expressiva. Os biocombustíveis têm levado boa parte da culpa pela alta dos alimentos, sobretudo devido à disponibilidade cada vez mais limitada de recursos naturais, como terra e água. Esse aumento de preços está mais relacionado aos subsídios ao etanol de milho nos Estados Unidos e à produção de biodiesel de colza na Europa, já que o incremento na produção de biocombustíveis retira área agrícola de outras lavouras e redireciona o produto agrícola de alimentos para energia.

No Brasil, os biocombustíveis não provocaram redução da oferta de alimentos. Pelo contrário, nos últimos anos houve aumento da produção de energia, alimentos e fibras em solos tupiniquins. Quando se analisa o balanço energético de fontes de matéria-prima para etanol, o Brasil se destaca diante de outros produtores mundiais. Enquanto a razão entre energia contida no combustível e energia fóssil usada para produzi-lo chega a 8,2 na cana-de-açúcar, na beterraba e no trigo é de 2 e no milho, de apenas 1,4. Ou seja, para cada 1 unidade de energia que se gasta para produzir etanol de milho gera-se 1,4 unidade. Em termos de produtividade, enquanto a cana no Brasil rende até 7.000 litros por hectare, o milho nos Estados Unidos retorna pouco mais de 3.000 litros por hectare e o trigo na União Européia, apenas 2.500 litros/hectare. Talvez a política mais coerente fosse de importação de etanol brasileiro, mas para isso seria necessário mexer com toda a política comercial e de subsídio da Europa e dos Estados Unidos.

Em síntese, por todos os fatores expostos, a inflação de alimentos deverá permanecer por algum tempo. Recente estudo da FAO mostrou que os atuais estoques de cereais são os menores em 25 anos. Não apenas a demanda deprimiu os estoques, mas também as políticas agrícolas dos países ricos, de subsídios e cotas, que sempre prejudicaram os países emergentes a realizarem seu desenvolvimento com o aumento da produção para a exportação. Portanto, os preços deprimidos criados pelos subsídios nas décadas passadas tiveram efeito devastador, já que provocou uma queda prolongada no investimento na agricultura. Mas a comida mais cara representa uma oportunidade para romper esse ciclo estonteante. Preços de mercado mais altos possibilitam reduzir subsídios e estimular os investimentos no campo.

O crescimento de renda em países mais pobres tende a elevar o consumo de alimentos. Essa é uma boa notícia para o Brasil que possui terra, água e tecnologia para produção de alimentos. É também uma oportunidade para expansão das exportações brasileiras de lácteos, já que o consumo de proteína vem subindo com o crescimento dos países pobres. Mas também existem ameaças, pois a inflação de alimentos é autodestrutiva na medida em que poderá reduzir a expansão da demanda por dois canais. Primeiro, à medida que corrói a renda das famílias mais pobres, reduz a demanda de alimentos e demais bens. Segundo, se a inflação persistir, poderá haver movimentos de elevação de taxas de juros nos bancos centrais, a fim de preservar a estabilidade de preços – como já está acontecendo na China e em outros países como Chile, México e o próprio Brasil. Aliás, no Brasil, enquanto o custo de vida das famílias mostrou aumento de 5% em doze meses até abril de 2008, os alimentos subiram 12,6% e o conjunto dos lácteos 17%.

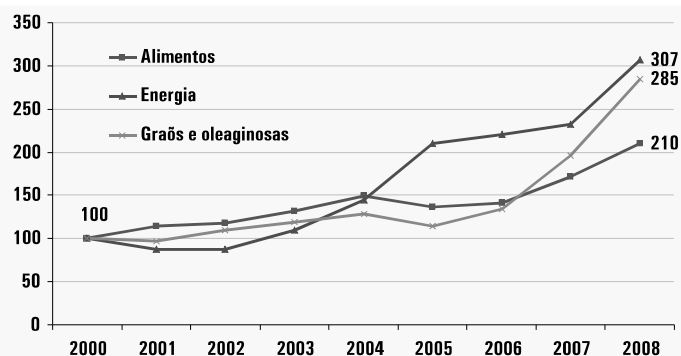


Fig. 3. Índices de preços de *commodities*: energia e alimentos (base: 2000 = 100).